



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Política Social e Serviço Social

Sub-Eixo: Ênfase em Controle social e Sujeitos Políticos

A INDÚSTRIA CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NOS DIRECIONAMENTOS IDEOLÓGICOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Gabriela Fernandes Guimarães¹

Resumo: O texto ora apresentado tem como objetivo analisar como os artífices da indústria cultural são utilizados para moldar seu público alvo a partir dos padrões estabelecidos pela ideologia dominante vigente. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico de textos de Theodor Adorno, integrante da Escola de Frankfurt, criada durante uma fase de efervescência política na Alemanha. A partir dessas leituras, buscou-se analisar os acontecimentos sociais através de uma estreita relação com a filosofia. Em seguida, buscou-se analisar a formação socio-histórica brasileira, visando demonstrar que, apesar das peculiaridades do desenvolvimento de cada um dos países em tela, as estratégias midiáticas são capazes de entregar resultados semelhantes. O trabalho visa frisar como um estudo feito sobre um momento histórico tão peculiar como a ascensão da propaganda nazista e a guerra subsequente, mas que se faz tão atual ao ser confrontado com a realidade brasileira, que com suas raízes coloniais, ainda adere ao movimento de “educação” das massas de forma alienante e voltada ao consumo. Por fim, temos como objetivo mostrar como a indústria cultural em si é capaz de enfraquecer a democracia, tirando forças de movimentos críticos que visam um prisma diferente de análise da sociedade.

Palavras-chave: Indústria cultural; alienação; democracia; política.

Abstract: The purpose of this paper is to analyze how the cultural industry is used to shape its target audience according to patterns established by the prevailing ideology. To this end, it was made a bibliographic study of the works of Theodor Adorno, a member of the Frankfurt school, created during an eventful political phase in Germany. Based on this reading, the social events were analyzed in the light of philosophy. Subsequently, the Brazilian socio-historical formation was analyzed, with the aim of demonstrating that, besides the peculiarities of the development of each country in question, the strategies used by the media are capable of obtaining similar results. The paper aims to highlight that this study, made during such a distinct historical moment as the ascension of the Nazi propaganda and the subsequent war, is still reasonable when used to analyze the Brazilian reality which, with its colonial roots, embraces the movement of the “education” of the masses in a alienated way, focused on the consumption. Finally, this paper aims to depict how the cultural industry is capable of weaken democracy, undermining critical movements that analyze society from another point of view.

Key Words: Cultural Industry; alienation; democracy; politics.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que nossa constituição afirma veementemente que há a participação do povo em todos os serviços oferecidos, além de reforçar que a participação representativa é capaz de fazer a voz popular alçar voo e chegar aos gabinetes daqueles que decidem os direcionamentos do país. Mas, até que ponto estamos realmente pensando em nossa participação? Nossas vontades estão mesmo sendo atendidas? Até

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual Paulista - Campus Franca, E-mail: hi.gabys@gmail.com.

que ponto estamos dispostos a sair de nossa “zona de conforto” e de fato refletir sobre a situação política vigente? Quais os fatores sociais e políticos que impulsionam a maioria a seguir agindo impensadamente o quanto desse momento histórico pode ser considerado um fato construído, impondo-se como um modelo de construção social que alija sua população de todos os instrumentos de organização coletiva.

Neste artigo analisaremos a influência dos mecanismos de controle da cultura que está entranhada com os rumos que nossa sociedade está tecendo a partir do estudo de alguns textos de autores do Instituto de Frankfurt, criado sob contexto que envolve grandes alterações no cotidiano das pessoas que participaram do momento histórico analisado que, acostumadas a vínculos comunitários foram alijadas de sua convivência coletiva em prol do desenvolvimento tardio do capitalismo alemão.

O trabalho seguirá com a análise da influência da formação sócio histórica brasileira, pautada aos moldes do “homem cordial”, sujeito nascido e criado sob a alcunha do favor e do não comprometimento com os verdadeiros objetivos do espaço público.

Esta confrontação de dois contextos históricos exemplifica como dois processos tão distintos entre si, combinados com uma ofensiva cultural/ midiática que objetive obnubilar a opinião coletiva podem convergir resultando numa sociedade facilmente moldada e compelida a seguir rumos que não favorecem o desenvolvimento humano acompanhado tão complexo e plural como esperado para este momento de avanços técnicos.

BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO SOCIO HISTÓRICA BRASILEIRA

Falar da formação da sociedade brasileira sempre é uma tarefa complexa, que exige dar vistas ao contexto de desenvolvimento do continente europeu e sua expansão comercial rumo ao ocidente, buscando estender seu mercado consumidor e suas terras de cultivo. Através dessa leitura inicial, é que podemos perceber que desde os primórdios da colonização o Brasil esteve relegado a um desenvolvimento que dava as costas ao seu povo, deixando a maioria da população vivendo sob condições aquém das mínimas exigidas para uma vida digna.

Nosso país começa sua história com a vinda de colonos europeus para nossas terras, que ao ser dividida em sesmarias, foram delegadaa e exploradaa segundo os rumos da economia do velho continente, abastecendo com matéria prima as indústrias em desenvolvimento e gerando lucro ao exportar seu excedente à sociedade que se formou paulatinamente aqui. Tal direcionamento do desenvolvimento arraigou-se de tal forma no

contexto nacional, que podemos perceber no trecho de Octávio Ianni como esta prática se estendeu até a fase dita globalizada da economia:

“O Brasil seria um país cuja história está amplamente determinada pelos movimentos e exigências dos mercados externos, desde o colonialismo e o imperialismo ao globalismo, definindo-se por diferentes modalidades de sua inserção nos mercados externos”. (Ianni, p. 6).

Sempre moldado segundo o direcionamento da metrópole, o Brasil mostrou-se contraditório em sua forma de agir e pensar. Vendo como mais vantajoso o trabalho escravo, devido ao seu modo “disciplinar” e dominador de controlar as mãos que cultivavam os latifúndios, era assim que o senhor das terras aumentava seus domínios sobre o capital e sobre a população que existia para além da escravidão. A população dita como liberta das correntes, classe de pessoas que frequentemente via-se compelida a uma ordem social até antes inédita, forma em que o que comandava as relações interpessoais era a lógica do favor, como podemos ver no trecho a seguir:

“Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização produziu, como base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande”. (Schwarz, p. 15-16).

A segunda face desta realidade encontrava-se no plano ideológico difundido, onde a realidade cambaleava ao exaltar os preceitos liberais desenvolvidos em torno das liberdades individuais e a igualdade política entre os homens. Era clara a divisão existente, datando daí a injusta distribuição de renda do país. Cotidianamente havia uma negação recíproca, onde o escravismo negava as ideias liberais e vice-versa, enquanto o favor materializava a cultura do interesse velado, da remuneração indevida e dos serviços pessoais.

O ideário do favor trás um cenário de reciprocidade a ambas as partes, que mesmo burlando o formalmente estabelecido e tendo uma relação hierárquica de poderes, o favorecido vê-se em situação de igualdade e justiça, uma vez que há a afirmação que nenhuma das partes é subjulgada à detentora do poder.

“Mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida nele, no favor, a sua livre pessoa, o que transformava prestação e contraprestação, por modestas que fossem, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma.” (Schwarz, p. 20).

Esta dicotomia Escravismo X Liberalismo existente na sociedade brasileira do século XIX, ora exaltava o avanço nacional e entre resignação frente à realidade escravista, ora a elite nacional, comparava-se ao nível cultural e econômico alcançado pela Europa, buscando reproduzir costumes consumistas que buscavam imitar o modo de vida da

burguesia europeia, e quando conveniente, entrava em conflito quando a discussão chegava a um limiar em que os interesses oligárquicos locais eram ameaçados. Havia um movimento contraditório quando era admitindo que a implosão desta pirâmide econômica desagradasse a classe economicamente dominante do país.

Esta concorrência de poderes implica na resignificação da esfera pública, uma vez que o indivíduo, encantado pela força que o favor adquiriu desde a época da colonização, se esquece que atualmente, em tempos pós Constituição de 1988, são assegurados na democracia participativa nichos onde a contribuição popular é capaz de reivindicar alterações e adequações criadas a partir da materialidade da demanda populacional por ações e serviços que realmente respondem às suas especificidades locais e regionais.

Finalmente, podemos constatar que o Brasil reproduziu ideias externas, com apelação liberal burguesa, mas em sua cópia não há sequer a tentativa de “tentar ser”, uma vez que qualquer parte daquela ideologia – mesmo escondendo interesses de mecanizar ao máximo o trabalho, assim diminuindo o valor pago a seus trabalhadores – fere cabalmente o sistema exercido em terras tupiniquins. Desta forma, com o caminhar da história, nosso desenvolver econômico, que paulatinamente adequou-se às mudanças que modernizaram nosso meio de produção continuou marcado pelo costume de tentar aparelhar o espaço público como uma extensão das relações familiares e pessoais. Analisaremos esta invasão do público pelo doméstico na seção seguinte.

CONTESTAÇÃO OU JUSTIFICATIVA? ILUSTRAÇÃO DOS COSTUMES

O costume do favor trazendo como maior consequência no âmbito social a retirada do poder da comunidade de unir-se e decidir os rumos do desenvolvimento de seu lócus, uma vez que a prestação e a contraprestação forja o empoderamento do indivíduo frente ao todo, que não consciente do que a esfera pública é obrigada a lhe conceder, acaba acreditando em subterfúgios político partidários.

“O Brasil é visto como um país marcado pelo patriarcalismo, que se forma e desenvolve no curso dos séculos de escravismo, com desdobramentos no coronelismo, caciquismo e oligarquia; tudo isso no âmbito de algo denominado lusotropicalismo; sem esquecer a contínua e reiterada associação, mescla ou confusão entre o privado e o público”. (Ianni, p. 6).

Há uma dicotomia na explicação do Homem Cordial ao falar-se das raízes do Brasil, primeiramente pois se faz necessário um retorno à colonização para que possamos desvendar o início de certos costumes aqui praticados, porém, percebemos que nossas raízes são órfãs de uma colonização que de fato pudesse formar uma civilização completa, estruturada sobre bases morais e/ou filosóficas já existentes para além do Atlântico. Nossa

história pautou-se basicamente em formalidades que eram alheias às verdadeiras relações sociais aqui existentes. A colonização predatória e preocupada apenas com a urgência de lucros exorbitantes deixou marcas profundas que Ianni resume na citação abaixo:

O Brasil demonstra sua tendência de desenvolvimento voltado ao exterior ao adotar uma consciência dignificadora do trabalho apenas quando vem trabalhadores europeus para as lavouras de café em ascensão. O trabalho escravo e suas mazelas continuaram a margem da realidade vigente, sem haver iniciativas para a inserção social dessa população. Mas, como o tratamento ideológico das questões sociais brasileiras não foram tratados desde este marco com propriedade analítica e dialética, aos poucos reificou-se a existência de qualquer mazela, adotando mais esta questão como algo comum. Avesso a discussões, aprendemos desde cedo a ignorar o que se classifica como imutável.

Por fim, entramos em um círculo vicioso onde nossas ditas raízes ensinaram desde muito cedo a ceder para ganhar benefícios e usar de subterfúgios ao surgir qualquer questão que vai além de nosso entendimento. O estímulo da docilidade e ignorância é a chave mestra de uma elite que aparelha o público, engana as massas e coloca como meta de vida a procura de um modo de vida inspirado nos quesitos agora citados. Para despolitizar e organizar a sociedade de cima, nas palavras de Ianni, tornando-a dependente e inconsciente, há diversos mecanismos ideológicos e/ou coercitivos. A seguir trataremos de como a mídia pode ser uma alternativa muito eficaz para a repercussão da ideologia dominante e reprodução de um comportamento de massas desejável para a contínua manutenção dos movimentos patrimonialistas dominantes.

A MÍDIA EM AÇÃO: O DESPERTAR DO AUTORITARISMO

Por intermédio de estudos feitos com panfletos que tinham o objetivo de difundir a ideologia fascista nos Estados Unidos, feito por Adorno em *A Teoria Freudiana e o Padrão da Teoria Fascista*, foi possível perceber alguns mecanismos comuns, que nos ajudarão a entender melhor como se constroem alguns detalhes da mídia voltada às massas.

Logo no início do texto, já é constatado que o efeito deste tipo de discurso deve-se mais a artimanhas psicológicas, que “hipnotizam” os ouvintes, em vez de usar argumentos politizados, que realmente tenham algum fundo de veracidade. E é através destes mecanismos que o agitador transforma grupos de pessoas em massas que lutam por motivos irracionais.

[...] o método dos agitadores é verdadeiramente sistemático e segue um padrão rigidamente estabelecido de dispositivos definidos. Isto não se liga apenas à unidade

fundamental do propósito político: a abolição da democracia através do apoio de massa contra o princípio democrático, mas mais ainda à natureza intrínseca do conteúdo e da apresentação à própria propaganda. "(Adorno, p.2)

Toda a causa da luta deste grupo de pessoas é corporificada na imagem de "grandes homens" criados e alimentados pela imaginação, a histeria toma conta de qualquer lampejo de racionalidade e decisões políticas sólidas sequer são colocadas na pauta a ser discutida.

"A agitação fascista está centrada na ideia do líder, não importando se ele lidera de fato ou se é apenas o mandatário de interesses do grupo, porque apenas a imagem do líder é apta a reanimar a ideia do todo-poderoso e ameaçador pai-primitivo". (Adorno, p 8).

Desta forma resta encontrar qual a força que transforma este grupo de pessoas em massas seguidoras de ideais tão irracionais, uma vez que não se considera que as massas o sejam por característica inata de sua existência, mas transformam-se em massas. Segundo o estudo de Freud, o que mantém a fidelidade dos seguidores na figura do líder é antes um "vínculo libidinal" que qualquer construção concreta e ideológica. Há um movimento irracional de identificação, uma visão do seguidor que se vê na imagem do líder, este representando todos os desejos que cada indivíduo acredita que poderá alcançar algum dia.

Há uma idealização da figura daquele líder e através de uma análise narcisista, o indivíduo enxerga toda a sua potência realizada em seu "exemplo- espelho", como podemos observar no trecho a seguir:

"Este conflito resulta em impulsos narcisistas fortes que só podem ser absorvidos e satisfeitos pela idealização enquanto transferência parcial da libido narcisista para o objeto. Isto, por sua vez, corresponde à semelhança da imagem do líder com uma ampliação do sujeito: fazendo do líder seu ideal, o sujeito ama a si mesmo por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e descontentamento que estragam a imagem que tem de seu próprio eu empírico." (Adorno, p. 11)

Assim, prosseguindo com a leitura de Freud por Adorno, este mesmo líder, além de mostrar-se como a junção de tudo aquilo que o coletivo se imagina, sendo forte e poderoso como seus seguidores gostariam de ser, esta figura precisa também mostrar-se comum e humano – capaz de demonstrar sua fragilidade mundana e confundir-se com qualquer homem da multidão.

Neste ponto em questão, as realidades alemã e brasileira têm seu ponto de encontro mais sintonizado, onde a dualidade seguidor versus autoridade é análoga a figura do dominador versus dominado, construídos pela ideologia do favor. Observaremos agora como esta mídia é utilizada para fins tidos como mais pacíficos, mas igualmente alienantes, de adequação ao status quo.

OS ARDIS DA INDÚSTRIA CULTURAL

Em suas obras Adorno desenvolve a confrontação da filosofia com a empiria, e através de seus estudos da coluna astronômica no Los Angeles Time, feito em As estrelas descem à terra, poderemos traçar algumas estratégias de mescla entre o irracional e o racional da mídia para difundir a aceitação do status quo pela população passível de ser “moldada”. A irracionalidade da astrologia caminhando lado a lado com a racionalidade tecnológica que foi desenvolvida nos últimos tempos – contradição expressa na realidade.

Todo este aparato psicológico envolvido na coluna astrológica serve para modificar o foco das pessoas a quem são direcionadas tais artífices. Ao deslocarem as preocupações políticas e sociais transformando-as em um mero fetiche materialista, a mídia é capaz de “batizar” as pessoas na religião capitalista, fazendo com que a população passasse a entender a valorização extrema de coisas efêmeras e reificando gradualmente a existência destes indivíduos. Com a difusão de tais ideias, o indivíduo é colocado em um estado em que suas vontades são controladas por fatores externos e aos poucos torna-se dependente destes impulsos, como explica o trecho abaixo:

“[...] quando os sonhos não são produzidos pelo próprio indivíduo, mas “fabricados” externamente, o resultado não é o restabelecimento do equilíbrio psíquico, mas a geração artificial de uma dependência psicológica que vem ao encontro dos interesses ideológicos do sistema econômico [...]” (Adorno, p. 20)

Há uma implícita divisão do trabalho nos feitos da indústria cultural, que subdivide-se em conteúdos específicos para cada público alvo. Esta divisão visa atingir o modo de vida de cada setor da sociedade, sejam eles estudantes, donas de casa ou maridos, introjetando nesses conjuntos o comportamento esperado de cada um.

Adorno, ao introduzir o leitor aos primeiros detalhes de seu estudo, nos deixa claro que é necessário atentar para o que se apresenta por trás das palavras da coluna astrológica. Os métodos utilizados para construir a coluna são pouco divulgados, não deixando transparentes quais os direcionamentos que influem nos resultados.

“[...] empreendem uma manipulação das ideias dos leitores a respeito de tais assuntos em uma direção bem definida, de modo que não devem ser tomadas conforme aparecem, mas sim ser submetidas a uma análise mais profunda.” (Adorno, p. 37).

É dito também que não se pode dizer que o produto exibido nos dizeres da coluna são resultados de uma projeção, seja ela dos gostos dos leitores ou da reflexão artística do autor, já que no caso da primeira hipótese, seria necessário uma estereotipia exacerbada deste público alvo que não corresponderia com a vivência e cotidiano real deste público. A segunda hipótese, sobre os resultados publicados serem uma projeção dos autores

envolvidos também não é vista como alternativa frutífera, já que no decorrer do estudo, Adorno depara-se com uma série de padrões, demonstrando a inexistência de liberdade de criação.

Então nos perguntamos, se esta coluna não é inspirada a partir de características do “do público alvo, para o público alvo”, nem pode ser considerada uma manifestação artística livre ou um estudo aprofundado da astrologia, contendo palavras específicas usadas neste campo do conhecimento – quais as verdadeiras influências e objetivos desta publicação?

Adorno chama a atenção para o fato da astrologia ser uma das ciências ocultas de mais fácil adesão popular, considerando o seu não envolvimento com entidades espirituais, tidas como um mergulho mais profundo no campo irracional.

Assim, a astrologia pode ser vista como algo “confiável”, de bases estelares aplicáveis e instrumentalizada para dar explicações aos fatos do cotidiano; para serem completamente aceitas, necessitam apenas de conexões psicológicas, que “coincidentalmente” se aplicam ao temperamento dos leitores.

“Não é possível para pessoas ingênuas enxergar através das complexidades de uma sociedade altamente organizada e institucionalizada, e até os indivíduos sofisticados não podem entendê-la em termos claros, racionais e consistentes, defrontando-se com antagonismos e absurdos, dos quais o mais patente de todos é a ameaça trazida a humanidade pela mesma tecnologia desenvolvida para tornar a vida mais fácil” (Adorno, p. 46)

Estudando outras revistas que se ocupam da mesma matéria astrológica, é possível enxergar que a coluna do Los Angeles Times é diferente de todas as outras. Seu modo de alcançar o leitor baseia-se em listar prioritariamente problemas causados pelo tempo contemporâneo, passível de atingir de forma genérica qualquer leitor.

Sua forma de abordagem visa alcançar o equilíbrio entre não expor-se ao ponto de expressar ideias que prejudiquem a adesão e credibilidade dos conselhos escritos, mas que também não seja completamente genérico, fato que acabaria com a “capa de onisciência” que dá autoridade ao escritor.

“Assim, a coluna promove a conformidade social em um sentido mais profundo e mais abrangente do que o de meramente sugerir um comportamento conformista a cada caso individual. Ela cria uma atmosfera de contentamento social.” (Adorno, p. 73)

Manter as pessoas sob constante ameaça, mas uma ameaça branda, que não as mantenham aterrorizadas e desconfortáveis ao ler a coluna; fazer com que as pessoas acreditem piamente que seus problemas, sejam eles econômicos, sociais e/ou emocionais dependem única e exclusivamente da influência das estrelas e do aproveitamento que cada indivíduo dá a estes aconselhamentos.

Através da dicotomia que o colunista faz da vida, entre trabalho versus lazer, há um incentivo para que as pessoas se conformem ao que está posto e imposto pela sociedade.

Há um duplo movimento nesta intenção: primeiramente, ao falar repetidamente de “rotina”, há uma alusão ao trabalho monótono, de fácil execução. Adaptar-se a estes trabalhos vem seguido de uma ameaça que se materializa ao alertar o leitor a fazer apenas o que lhe foi mandado, sem inovações ou criatividade, a fim de não mostra-se um “puxa-saco” (afinal, na hora do trabalho, a criatividade e o lúdico são desnecessários!). Tal conformação adequa o público alvo à crescente inovação tecnológica, que relega aos trabalhadores processos produtivos cada vez mais diluídos, maçantes e alienantes.

“O termo “tarefa de rotina” parece pedir a aceitação incondicional de pequenas tarefas, como se tal aceitação fosse uma lei superior, guiada não por uma intuição a respeito de sua necessidade intrínseca, mas pelo medo da punição.” (Adorno, p. 101)

O segundo gume desta faca vem para introjetar a necessidade do consumismo na vida destes leitores. Se por um lado a produção se faz cada vez mais diversificada em seu hall de produtos, o consumo tem que ser intimamente vinculado a uma suposta alegria, gerada a partir da compra de tais novidades.

A coluna se limita em aconselhar seus leitores a serem “modernos” ou “conservadores”, sendo o primeiro uma alusão a modernidade dos bens de consumo disponíveis no mercado e o segundo um aconselhamento que visa a economia e o controle do orçamento. Em momento algum a curiosidade, em seu sentido lato, é incentivada; pelo contrário, qualquer pretensão de ir além daquele comportamento esperado pela sociedade é ameaçada com a certeza da repressão, a denúncia de não adequação apontada pelo outro indivíduo. A segurança da aceitação é mais gratificante que a aventura fornecida pelo desconhecido.

“A insipidez de uma sociedade de mercadorias que não permite a qualquer qualidade existir por si mesma, mas nivela tudo a uma função menor da troca universal, parece insuportável, e qualquer panaceia que prometa recobri-la de ouro é prontamente abraçada.” (Adorno, p. 180 -181)

Por fim, podemos perceber que a coluna visa moldar os leitores a um padrão de vida que gira em torno do trabalho alienado e do consumo desenfreado daquilo que a indústria tecnológica tem a oferecer. Há um movimento de reificação de pessoas e humanização das coisas, não havendo incentivos à participação social ou à curiosidade frente a demonstrações artísticas. O utilitarismo reina de diversas formas, desde o mercado até as relações sociais com mero intuito de aproveitar-se da influência que essas pessoas constroem em cima de sua própria imagem, ganhando a opinião pública.

CONCLUSÕES

No decorrer do texto vimos dois processos históricos bem distintos e que com o forte apelo da indústria cultural convergiram em um comportamento político e social distante do que poderíamos chamar de democrático, com tendência a unificar o pensamento e os objetivos das massas estão ligadas a condições sociais e culturais construídas a partir da hipertrofia de mecanismos psicológicos do que qualquer histeria exclusiva de um país.

Pudemos perceber, conseqüentemente, que a democracia não é um lugar onde se chega, mas sim um processo complexo e frágil, segundo Soares e Ewald.

Nesta época em que a informação jorra por todos os meios de comunicação, não somos capazes de filtrar e processar o que está sendo passado e percebemos que assim como a escuridão, o excesso de luz danifica a percepção do real. Escolhemos então observar afoitos qual será o direcionamento tomado pelas questões societárias, envoltas pelo momento político.

Entretanto, a vida social exige sempre o protagonismo das pessoas, e nos momentos de crise que surgem as possibilidades de reflexão crítica para buscar alternativas para os problemas dado; também é o momento em que a centralidade da utopia resurge com a marca das minorias, que de longa data já questionavam a sociabilidade existente, colocando em marcha mudanças que podem desconstruir práticas alienantes ou até revolucionar a práxis social.

Podemos concluir que apenas a partir do materialmente dado que se pode repensar respostas cabíveis e é nesta fase em que as mazelas do capitalismo estão escancaradas a ponto de fortalecer os movimentos de resistência é que teremos a oportunidade de difundir práticas alternativas que levem ao gradual desvencilhamento do que está posto socialmente.

Por fim, vale assinalar que este trabalho foi resultado de um estudo concluído e entregue como conclusão da disciplina “Teoria crítica: indivíduo, razão e sociedade”, oferecida pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, em 2014, e que apesar do tempo passado, esta análise continua pertinente e prenhe de continuidade na atual conjuntura brasileira.

REFERÊNCIAS

SOARES, Jorge Coelho (org.). **Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. Disponível em: <http://www.territoriopaiva.com/tw5.0/contas/00074_v1/arquivos/workspaces/download/1/ao_vencedor_as_batatas_roberto_schwarz.pdf> . Acesso em: 29 de setembro de 2014.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **As Raízes e o futuro do “Homem Cordial” segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=496>>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

THEODOR, W. Adorno. **As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Time: um estudo sobre as superstições secundárias**/ Theodor W. Adorno; tradução Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

IANNI, Octávio. **Tipos e mitos do pensamento brasileiro**. Porto Alegre : Sociologias, ano 4, nº 7, jan/jun 2002. P. 176- 187. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a08n7>. Acesso em: 06 de setembro de 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Homem Cordial**. In Raízes do Brasil. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. Em **busca de um ponto cego**: notas sobre a sociologia da cultura no Brasil e a diluição da mídia como objeto sociológico. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922011000300002&script=sci_arttext. Acesso em 06 de setembro de 2014.